

Em 1924, o cineasta soviético Dziga Vertov respondia à revista Kino defendendo a destruição do conceito de arte que “protege uma casta inteira de pessoas privilegiadas”, que se vêem como “milagreiros”. No ano da morte de Lénine, Vertov combatia assim uma perspectiva que considerava ser contra-revolucionária e idealista, afirmando “que não há fronteira entre o trabalho artístico e não-artístico”. Esta investigação desenvolve estas sugestões, a partir da análise crítica, materialista e dialéctica, de Karl Marx ao trabalho. O capitalismo reduz o trabalho a uma actividade instrumental e forçada, um meio de alienação. A transformação histórica e prática das relações de produção num processo de emancipação humana, tornam o trabalho numa forma de realização e desenvolvimento integral, criador e criativo.